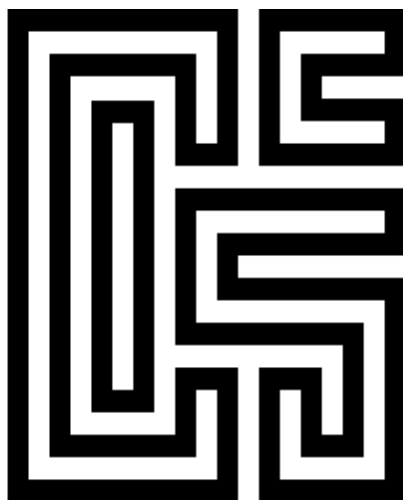


Cisc



Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia

O olho do furacão.

A cultura da imagem e a crise da visibilidade.<sup>1</sup>

Norval Baitello Junior<sup>1</sup>

#### A visibilidade que gera invisibilidades

O trabalho com os diagnósticos da contemporaneidade, sobretudo distanciados das modas e dos climas reinantes que procuram destacar apenas a faceta luminosa dos temas e objetos da comunicação, tem hoje como um de seus principais desafios a busca das invisibilidades, uma vez que a visão, saturada com

---

<sup>1</sup> **Norval Baitello Junior** é professor de Teoria da Mídia e Semiótica da Cultura na Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC de S. Paulo. Foi diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia da mesma universidade, de 1997 a 2001, tendo criado os cursos de graduação **Comunicação e Artes do Corpo** e **Comunicação em Multimeios**. É doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade Livre de Berlim, com pós-doutorados em Sevilha e Viena. Autor dos livros *Die Dada-Internationale* (1987), *Dada-Berlim. Des/Montagem* (1993) e *O animal que parou os relógios* (1997).

as intencionalidades da luz, tornou-se a princípio um sentido habilitado apenas para as superfícies iluminadas. A visão para os fenômenos crepusculares e muito mais ainda a visão das realidades comunicacionais que se desenrolam nos 'limiares semióticos' obscuros foram totalmente recalçados por um saber determinístico completamente discrepante da natureza probabilística de seu objeto, os processos da comunicação. Faz parte deste cenário de recalque ao crepuscular e ao sombrio, a exacerbação no culto às imagens e todos os seus templos. A cultura das imagens (e a transformação de toda a natureza tridimensional em planos e superfícies imagéticas) abre as portas para uma crise da visibilidade, dificultando aqui não apenas a percepção das facetas sombrias, mas até mesmo, por saturação, aquelas regiões iluminadas. Assim, como toda visibilidade carrega consigo a invisibilidade correspondente, também a inflação e a exacerbação das imagens agrega um desvalor à própria imagem, enfraquecendo sua força apelativa e tornando os olhares cada vez mais indiferentes, progressivamente cegos, pela incapacidade da visão crepuscular e pela univocidade saturadora das imagens iluminadas e iluminadoras.

Dietmar Kamper, referindo-se à loucura de Hölderlin por volta de 1802, em sua torre em Tübingen, na qual o poeta declara não poder sustentar o sistema de visão e entendimento vivido até então (loucura que muitos acreditavam ser apenas representada), diagnostica que "Muito antes do ápice da era óptica já estava anunciada sua decadência: o evanescer da força visionária nos processos culminantes de uma simples observação da observação." (Kamper, D. 1997:71-2)

A referência filosófico-literária lembrada por Kamper é emblemática. A "força visionária" passa a ser - cada vez mais - apenas possível fora dos sistemas de visão (e entendimento) porque estes sucumbem em escala vertiginosa ao mal da auto-referência, fracassando em sua missão de conectores. Assim, a observação não conecta senão a si mesma e a mídia não se refere senão a si mesma.

## **Corpo e imagem**

Como o alimento das imagens é o olhar e como o olhar é um gesto do corpo, transformamos o corpo em alimento do mundo das imagens - refiro-me aqui a um dos tipos de “iconofagia” possíveis (cf. Baitello 1999 e Baitello 2000) - inaugurando um círculo vicioso. Quanto mais vemos, menos vivemos, quanto menos vivemos, mais necessitamos de visibilidade. E quanto mais visibilidade, tanto mais invisibilidade e tanto menos capacidade de olhar. Assim, o primeiro sacrifício desse círculo vicioso termina por ser o próprio corpo, em sua complexidade multifacetada, tátil, olfativa, auditiva, performática e proprioceptiva.

A redução do corpo a “observador da observação” é o testemunho mais patente de um processo de perda da propriocepção (o sentido do corpo para a percepção de si mesmo). A transferência das vivências do corpo para o mundo das imagens significa também sua transferência para um tempo *in effigie*, congelado em um eterno presente e portanto, sem presente. A imagem de um presente será sempre a sua própria ausência. Tal qual já estava presente na palavra latina *imago*, a imagem se associa ao retrato da morte.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> A palavra latina *imago* possui um significado recorrente de ‘retrato (de pessoa morta), sombra, espectro, cópia, imitação, lembrança, fantasma, visão’. Sua origem indo-européia não é clara, tendo como um possível radical mais próximo o verbo *magh-*, com o significado de ‘ter poder’. Deste radical vem a palavra presente no latim vulgar *exmagare*, significado ‘tirar as forças’. Do mesmo radical indo-europeu, acrescentando-se o sufixo *-ana*, resulta a palavra ática */maXana/*, com o sentido de ‘invenção engenhosa’.

Se buscamos a palavra alemã *Bild*, teremos também uma origem remota obscura, mas que com certeza vem do radical germânico *bil-*, com o significado de ‘poder (mágico)’. Se tomamos a palavra grega *eikon*, teremos também uma origem obscura, porém a palavra grega *eidolon* significa ‘imagem, reflexo’. Segundo Junito de Souza Brandão (1991:322), *eidolon* como *eidos* “pressupõem o indo-europeu *weid* que exprime a idéia de ‘ver’ e de ‘saber’. Não há que se estranhar [segue J. S. Brandão] no caso o *ver* e o *saber*: é que sendo o *eidolon* uma réplica do morto, ele é uma **imagem** que se **vê** e, por conservar um resíduo latente de **consciência**, é algo que se **sabe**. Em termos de mito e religião grega, *eidolon* é uma espécie de “corpo astral, insubstancial”, um simulacro que reproduz os traços exatos do falecido em seus derradeiros momentos.” Assim, o indo-europeu *weid-* dá origem não apenas aos gregos *eidos*, ‘forma, imagem’ e *eidolon*, ‘imagem, ídolo’, mas também ao verbo latino *video*, ‘ver’.

## A perda do presente

O jornalista e comunicólogo Dominik Klenk, em seu livro “Gegenwartsverlust” in der Kommunikationsgesellschaft (“Perda do presente” na sociedade da comunicação), trabalhando com conceitos de Martin Buber, oferece alguns dados concretos de um país relativamente conservador em relação ao crescimento da mídia visual elétrica (a República Federal da Alemanha), a comparação do tempo gasto com a mídia (jornal, rádio e televisão) e o tempo de trabalho nos anos de 1964 e 1990. A relação é respectivamente de 3 para 8 horas (trabalho) em 64 e de 5,5 para 6,5 horas diárias (mídia) em 1990. Além disso, o consumo da mídia passou a ocupar em 1990 70% do total de tempo livre de cada indivíduo. Klenk nos apresenta, aparte o pressuposto buberiano de construção do ‘eu’ a partir de formas dialógicas com o outro, um quadro crescente de transformação do presente vivido corporalmente em presente vivido imagetivamente, *in effigie*.

Ainda a respeito do fenômeno da perda do presente e sua relação com a escalada dos sentidos de distância, Walter Benjamin aponta, de maneira assustadoramente visionária, quando define a perda da aura trazida pela reproduzibilidade técnica e a conseqüente substituição do “valor de culto” pelo “valor de exposição”. Enquanto a aura seria uma “aparição única de uma distância, por mais próxima que estivesse” (cf. Benjamin, 1980:480), as imagens em profusão, trazidas pela reproduzibilidade, deverão exercer a função de “aparições múltiplas de uma proximidade, por mais distante que esteja”. Benjamin nos apresenta a alma das transposições planas: superfícies multiplicadas de uma proximidade sem profundidade, aparências de tatilidades que se resumem a superfícies sob superfícies, repetidas e idênticas, repetição de presenças sem presente.

Dietmar Kamper se refere, em seu “Unmögliche Gegenwart” (Presente impossível) a um “triunfo do olho sobre os outros sentidos humanos. As máquinas de imagens trabalham com força total no mundo inteiro. Velhas e novas mídias da

visibilidade se superam [a cada dia]. Uma parte cada vez maior das coisas que existem ocorrem [apenas] no olhar. (Kamper 1995:54).

E acrescenta logo adiante:

“Ver permanece superficial. A profundidade do mundo não é para o olho. E quando o olhar penetra, apenas aumentam novamente as superfícies e superficialidades. A era óptica já o provou ex negativo. Seu lema ‘Tornar visível todo o invisível’ era duplamente enganoso. Não se acercou do invisível e produziu uma nova invisibilidade.”(Kamper, 1995:57).

### **O corpo invisível**

Dentre as instâncias sem dúvida mais atingidas por esse processo de crescente transferência de valor, por um lado, agregação de desvalor, por outro, como vimos, está o próprio corpo, em sua motricidade, em sua comunicabilidade, em suas qualidades biofísicas e em suas qualidades culturais, de arquivo vivo e memória da história e da cultura humanas.

A crescente transformação do corpo em imagem do corpo tem história e histórias. E sua inicial indiferença e posterior cegueira, como resposta a este processo, também. O que seria então o corpo que não se enxerga, não se sente, não se percebe? Por quais caminhos chega-se a esse grau de negação? E por que um corpo se torna invisível para si e para outros corpos? Um corpo invisível seria um não-corpo ou um corpo-máquina, um supercorpo, que, em busca de si mesmo, fugiu para a bidimensionalidade, a unidimensionalidade ou mesmo para a nulodimensionalidade? Haveria algum cenário possível, ainda que remoto, de superposição e entrelaçamento simultâneos de todas as realidades dimensionais em uma só, sem que uma se impusesse sobre as demais como instância recalcadora?

Verdade é que vivemos hoje sob a marcha triunfal das realidades bidimensionais que trazem em sua alma as fórmulas abstratas da nulodimensão: por trás de uma imagem sintética já não há sequer uma imagem concreta e muito

menos um corpo de matéria tridimensional; há apenas o conceito abstrato de entidades numéricas, codificações sem utilidades. Dietmar Kamper descreve, em uma singular brochura editada pelo Vilém Flusser Archiv, sediado na Kunsthochschule für Medien Köln, uma conferência performática de Vilém Flusser, na qual este expõe com o próprio corpo os quatro passos no caminho da abstração crescente: “Ele [Flusser] caminhou para trás, falando e gesticulando sobre o palco do auditório, até bater com as costas na lousa. Depois veio de novo para a frente do palco e lecionou (dozierte) sobre a tecno-imaginação e as imagens sintéticas.(...)Antes como depois, as sugestões de Flusser, de como se pode efetivar a volta dos retrocessos históricos da abstração, não me parecem convincentes. [Mas] a situação de o homem depender de seus artefatos e estar, como sujeito, submetido a eles raramente foi apresentada e demonstrada de maneira tão imparcial como o fez o último Flusser.” (Kamper, 1999:5-6)

O próprio Flusser escreve em seu *Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung* (Do sujeito ao projeto. Hominização):

“Com o primeiro passo de retorno do mundo da vida (Lebenswelt) – do contexto das coisas que dizem respeito ao homem – nos tornamos manipuladores e a práxis que se segue é a produção de instrumentos. Com o segundo passo de retorno – desta vez saindo da tridimensionalidade das coisas manipuladas – nos tornamos observadores e a práxis que se segue é o fazer imagens. Com o terceiro passo de retorno - desta vez saindo da bidimensionalidade da imaginação – nos tornamos descritores e a práxis que se segue é a produção de textos. Com o quarto passo de retorno – desta vez saindo da unidimensionalidade da escrita alfabética – nos tornamos calculadores e a práxis que se segue é a moderna técnica. Este quarto passo em direção à abstração total – em direção à nulodimensionalidade – foi dado pela Renascença e atualmente está completo.” (Flusser, 1998:21-2)

Flusser nos oferece uma das chaves para o processo de desmaterialização do corpo, na perda crescente das dimensões do espaço do corpo e do seu tempo de vida (cf. Blumenberg ). Os efeitos sobre a pluralidade da existência sensorial são com certeza imprevisíveis, porque o processo atua sobre as bases da

propriocepção, gerando um corpo que apenas se vê quando é visto, se observa quando é observado, jamais se sente porque não pode ser sentido.

Assim, também se pode considerar que jamais o gesto civilizatório do olhar, a visão e sua hipertrofia tenham causado efeitos tão devastadores sobre a cultura e a existência humanas. Tal qual o olho de um furacão.

### **Bibliografia**

**BAITELLO, N.**, (2000) “As imagens que nos devoram”. In: [www.sescsp.com.br](http://www.sescsp.com.br) (Seminário Imagem e Violência)

**BAITELLO, N.**, (2000) “Imagem e violência. A perda do presente.”In: *São Paulo em Perspectiva*. Revista da Fundação Seade. Vol. 13, n. 3, jul.-set. 1999.

**BAITELLO, N.** (1999) “Der bilderfressende Mensch, das menschenfressende Bild” (O homem devorador de imagens, a imagem devoradora de homens”, conferência no seminário Bild und Gewalt, Haus der Kulturen der Welt, Berlim, 14-15/janeiro/1999.

**BENJAMIN, W.** (1980) *Gesammelte Schriften*, I.2. Frankfurt: Suhrkamp.

**BLUMENBERG, H.** (1996) *Tempo della vita e tempo del mondo*. Bologna: Il Mulino.

**BRANDÃO, J. S.** (1991) *Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes.

**FLUSSER, V.** (1998) *Vom Subjekt zum Projekt. Menschwerdung*. Frankfurt: Fischer.

**KAMPER, D.** (1995) *Unmögliche Gegenwart. Zur Theorie der Phantasie*. München: Fink.

**KAMPER, D.** (1997) Die Enttäuschung des Sehens (A desilusão do ver).In : *Im Souterrain der Bilder. Die schwarze Madonna*. Bodenheim:Philo.

**KAMPER, 1999** *Körper-Abstraktionen. Das anthropologische Viereck von Raum, Fläche, Linie und Punkt*. Köln: Vilém Flusser Archiv.

**KLENK, Dominik** (1998) ‘Gegenwartsverlust’ in der Kommunikationsgesellschaft. Münster: Lit.

MACKENSEN, L. (1966) *Reclams Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*. Stuttgart: Reclam.

ROBERTS, E. A./PASTOR, B. (1996) *Diccionario etimológico indoeuropeo de la lengua española*. Madrid: Alianza.

---

<sup>i</sup> **Observação preliminar:** A necessidade de resgatar cenários futuros, sobretudo em sua capacidade de tecer retrospectivamente diagnósticos do presente, é um dos postulados de uma nova proposta de Teoria da Mídia que vem se desenvolvendo sobretudo na última década. Ancorada sobre o trabalho pioneiro de Harry Pross, recebeu ousados e enriquecedores aportes de áreas próximas e pesquisadores afins, desde Edgar Morin, Michel Serres, Jean Baudrillard e Paul Virilio, até a produção do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Antropologia Histórica de Berlim, em torno de Dietmar Kamper (1936-2001), congregando Christoph Wulf, Hans Belting, Peter Slotterdijk e numeroso grupo. As pesquisas do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia de São Paulo têm estado em estreita relação com tais pesquisadores e centros, buscando estabelecer uma base para o diálogo com esses e outros centros. A presente reflexão pretende situar-se neste quadro de diálogos, concentrando-se em algumas propostas de Dietmar Kamper.